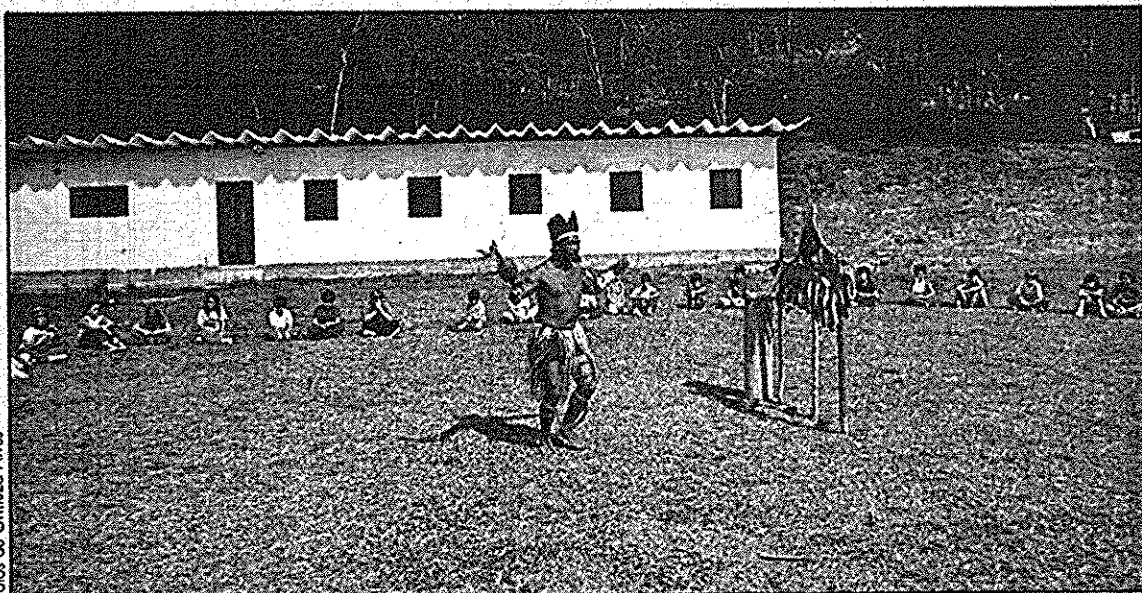


REPORTAGEM

E a criança branca aprende civilização com os índios

Índios *trumai*, *tapirapé*, *guarani*. Essas tribos estiveram no Rancho Barnabé e se encontraram com alunos de colégios



Fotos de Carmuz Alves

Awãetekatoí deu as boas-vindas às crianças e chegou a pescar um peixe com o arco e flecha



Tudo pronto para disparar a flecha



Não deu outra! Acertou bem no alvo



Guaraã ensina como fazer anéis com fibras

A tecnologia que o homem contemporâneo tem à volta o impede de imaginar a possibilidade de sobrevivência sem os botões ou as alavancas das máquinas. Mas como o homem ainda tem muita coisa para aprender, por mais simples que pareça, o Rancho Barnabé, acampamento que promove eventos ecológicos, resolveu juntar duas culturas: de um lado, crianças brancas; do outro, indígenas.

Com o apoio da Fundação Nacional do Índio, a Funai, órgão responsável pelos índios brasileiros, crianças de alguns colégios puderam passar, no mês de abril, pelo menos um dia com três diferentes tribos: *trumai*, que vive no Xingu; *tapirapé*, do Mato Grosso; e *guarani*, do litoral norte de São Paulo. O encontro aconteceu no município de Juquitiba, a cerca de 80 quilômetros de São Paulo, onde fica o Barnabé.

O índio Awãetekatoí (se pronuncia *awatekantóí*), que na língua dos tapirapé quer dizer "coisa bonita", aguardava, junto com os guarani e os *trumai*, com o corpo e o rosto pintados, como se fosse dia de festa. Procedimento comum em suas aldeias. Com eles vieram as crianças índias, que não entendem nem falam a língua do branco.

Noim, de apenas quatro anos, uma *trumai*, é a única dentre elas que entende nossa língua. Fala pouco, mas sorri e abraça as crianças brancas. Dizem que as crianças conseguem se entender em qualquer época e lugar, mesmo que não conversem. Noim fica encantada com os brincos das meninas. Quer que furem suas

orelhas também. Quer usar brinco como menina branca.

Ela não conhece televisão, Xuxa, guaraná... Suas bonecas, se as quiser, terá de fazê-las com cera de abelha ou barro vermelho moldado com água e seco ao sol, coisa que aprende desde cedo com sua mãe, que também lhe ensinará a fazer redes de dormir, cestas com fibras das cascas de árvores e enfeites para o corpo, como colares ou pulseiras.

Os meninos índios desde cedo acompanham o pai nas caçadas. Fabricam lanças, arcos e flechas, cestas trançadas com folhas de palmeiras ainda verdes, que usam para trazer nas costas, como se fossem mochilas, a mandioca que colhem na própria terra, plantada por eles.

Para essas crianças, aprender tudo isso não é passatempo. É importante para quando forem adultos e tiverem de sair em busca de comida, como o tatu, porco-do-mato, veado ou peixe. Onde vivem não existe lugar para se comprar alimento. É necessário buscá-lo na natureza. Por isso aprendem a fazer lanças que serão usadas na caça e até na pesca. Awãetekatoí mostra à criança branca como os índios pescam com suas lanças. Consegue um peixe. Em agradecimento à pesca obtida, ele dança, junto com Guaraã.

Viver no meio do mato pode parecer difícil. Não para quem sabe aproveitar tudo o que a natureza oferece. Talvez por estarem acostumados com ela, eles a defendem. Sabem que sua morte seria sua própria destruição. Assim, quando vão recolher o mel da abelha, primeiro olham

se tem. Caso esteja vazia, voltam a tapar a colméia para que as abelhas não fujam e deixem de produzir o alimento. Da mesma forma, sabem exatamente como cortar lascas de árvores para que esta não venha a morrer ou tirar as penas das aves para seus enfeites de forma que voltem a crescer novamente, sem a morte delas.

Como aprenderam tudo isso? "Índio não tem livro, onde tá tudo escrito", diz Awãetekatoí. "Nunca estudamos. O que sabemos, aprendemos com nossos antepassados."

Tudo serviu para mudar a imagem que algumas crianças tinham do índio, que nunca haviam visto, muitas nem mesmo pela tevê. "Pensei que eles iam caçar a gente, mas vi que são legais. Queriam ser seu amigo e aprender tudo o que sabem", disse André Krauz Russo, de oito anos. "Aprendi que ser civilizado com a natureza é bom", disse Paulo Tonelli Teixeira, de nove anos.

Antes que escureça, é hora de retornar. As crianças brancas voltarão para suas casas, televisão, brinquedos, alguns tão sofisticados que quase brincam sozinhas, e com um arco e flecha na mão, feito por Guaraã na hora. Mas também levaram algo mais na cabeça. Quando ouvirem falar em índio ou os virem na televisão, logo se lembrarão de Noim, Guaraã, Amati, Tatá e Awãetekatoí com suas penas coloridas na cabeça e sua lição de civilização.

Roseli Lopes